

A influência dos preços internacionais é percebida, notadamente, quando a frequência e os volumes de importação são elevados como o ocorrido com os lácteos no Brasil em 2016 e início de 2017. O preço do leite em pó integral no último leilão do *Global Dairy Trade* (GDT), de 21 de março, foi de US\$ 2,855/t, o que ilustra uma certa resistência do mercado a cotações mais altas. Alguns fatores têm contribuído para isso. As importações chinesas nesse ano estão fracas, a Nova Zelândia está finalizando a safra 2016/2017 e ainda aguarda o desenvolvimento das pastagens para previsão da nova safra, enquanto a Europa tem lentamente ofertado seus estoques, aumentando a disponibilidade do produto no mercado.

Para o Brasil, as cotações no patamar do último leilão GDT deixam as importações competitivas em relação ao preço doméstico. Considerando a taxa de câmbio atual, este preço do leite em pó no mercado internacional corresponde a R\$1,15/litro na porteira do produtor brasileiro, patamar abaixo do preço médio praticado no mercado interno (R\$1,35/l). Isso em um cenário de Tarifa Externa Comum igual a zero, ou seja, países do Mercosul. Dessa forma, o movimento sazonal de alta nos preços ao produtor tende a fortalecer ainda mais as importações.

Em termos estruturais, a situação de produtores brasileiros menos eficientes pode se complicar ainda mais, acentuando a tendência de redução do número de produtores. Para estes, o aumento da eficiência técnica e econômica é imperativo de sobrevivência. Seguindo tendência mundial e irreversível, nos últimos 20 anos foi observada a saída de aproximadamente 40% dos produtores da atividade leiteira.

Conforme os dados do IBGE (1996-2006) e estimativas da Embrapa Gado de Leite (2006-2014), quando agrupados por número de vacas por fazenda, as propriedades com até 70 vacas foram as que mais deixaram a atividade. Essa faixa de produtores enfrenta grandes desafios para sua

sobrevivência, sendo determinantes a escala de produção, qualidade e produtividade total dos fatores de produção. Além disso, eles lidam com as barreiras da disponibilidade e custo de mão-de-obra qualificada, logística e capital para investimento em tecnologias mais eficientes. Por sua vez, os grandes produtores (mais de 200 vacas) tiveram crescimento expressivo no período e, devido sua capacidade de investimento, vão se tornar cada vez mais importantes no abastecimento do mercado. No outro extremo, os produtores de subsistência e os não ligados ao mercado possuem baixo custo de oportunidade, menor dependência do mercado formal e diversificação de atividades. Desse modo, a produção de leite neste grupo pode ser uma atividade marginal em termos de composição da renda, fortalecendo sua resiliência diante de dificuldades conjunturais. Neste cenário, podemos caminhar para uma estrutura de produção de extremos, com grandes produtores abastecendo o mercado e pequenos como questão social.

Por fim, no último dia 15 de março, o IBGE divulgou os dados da Pesquisa Trimestral do Leite para 2016 indicando queda na produção nacional inspecionada de 3,7% em relação a 2015, conforme prevista em nossa Nota de Conjuntura de Dezembro. Produziu-se 23,14 bilhões de litros em 2016, volume próximo ao produzido em 2013.

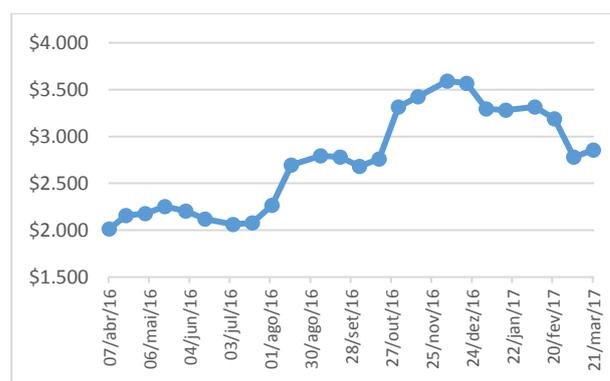


Figura 1 – Preço do Leite em Pó Integral (US\$/Tonelada) negociado nos leilões do *Global Dairy Trade* (12 meses).  
Fonte: *Global Dairy Trade*, 2017.

Esse documento é um resumo das informações discutidas na reunião de conjuntura da equipe da Plataforma Intelactus, realizada em 21/03/2017

Autores: José Luiz Bellini, Lorildo Stock, Glauco Carvalho, João Cesar Resende, Denis Rocha, Sergio Rustichelli, Fabio Diniz, Marcos Hott, Ricardo Andrade, Kennya Siqueira, Claudio Costa, Juliana Mota\*\*, Vinicius Macedo\*\*\*  
\*Pesquisadores e Analistas da Embrapa. \*\*Graduanda pela UFJF. \*\*\* Graduando pela FMS